

Caçador de mim: os cinco primeiros anos na docência em educação física

Hunter of me: the first five years in physical education teaching

Cazador de mi: los primeros cinco años en la enseñanza de la educación física

Izaú Veras Gomes¹

 0000-0001-6578-0798

RESUMO: Ancorado na pesquisa (auto)biográfica, apresento neste artigo um recorte de narrativas produzidas por um professor negro iniciante de educação física, na educação pública, durante os cinco primeiros anos no exercício da docência. O campo de pesquisa em docência iniciante em educação física é escasso, principalmente quando consideramos pesquisas narrativas. Diante de tal lacuna e compreendendo a potência da pesquisa narrativa na formação docente, busco dar evidência a uma práxis docente por meio de narrativas autobiográficas e trazer indícios de diferentes modos de ensinar e aprender práticas corporais nas aulas de educação física. Inicialmente apresento reflexões sobre o processo de produção das narrativas em exercício profissional; na sequência, reflexões sobre docência iniciante em educação física e, também, acerca da pesquisa narrativa na formação docente em educação física. Na sequência, apresento recorte de tais narrativas que perpassam anseios, questões raciais e de gênero na educação, luta trabalhista, desafios e potenciais. Por fim, reflexões e apontamentos sobre a potência das narrativas na formação docente.

PALAVRAS-CHAVE: professor iniciante; pesquisa narrativa; educação física; narrativas autobiográficas.

ABSTRACT: Anchored in (auto)biographical research, I present in this article a selection of narratives produced by a beginning black physical education teacher, in public education, during the first five years of teaching. The field of research in beginning teaching in physical education is scarce, especially when we consider narrative research. Faced with such a gap and understanding the power of narrative research in teacher training, I seek to provide evidence of teaching praxis through autobiographical narratives and provide evidence of different ways of teaching and learning bodily practices in physical education classes. Initially, I present reflections on the process of producing narratives in professional practice; Next, reflections on beginning teaching in physical education and also about narrative research in teacher training in physical education. Next, I present a selection of such narratives that permeate desires, racial and gender issues in education, labor struggles, challenges and potential. Finally, reflections and notes on the power of narratives in teacher training.

KEYWORDS: beginning teacher; narrative research; physical education; autobiographical narratives.

RESUMEN: Anclado en una investigación (auto)biográfica, presento en este artículo una selección de narrativas producidas por un profesor principiante de educación física negro, en la educación pública, durante los primeros cinco años de enseñanza. El campo de investigación en el inicio de la docencia en educación física es escaso, especialmente cuando consideramos la investigación narrativa. Ante tal brecha y entendiendo el poder de la investigación narrativa en la formación docente, busco brindar evidencia de la praxis docente a través de narrativas autobiográficas y brindar evidencia de diferentes formas de enseñar y aprender prácticas corporales en las clases de educación física. Inicialmente, presento reflexiones sobre el proceso de producción de narrativas en la práctica profesional; A continuación, reflexiones sobre el inicio de la docencia en educación física y también sobre la investigación narrativa en la formación

¹ Doutorando em Educação, FaE/UFMG. Professor da rede municipal de Belo Horizonte.

izau.veras@edu.pbh.gov.br

docente de educación física. A continuación, presento una selección de narrativas que impregnan los deseos, las cuestiones raciales y de género en la educación, las luchas laborales, los desafíos y el potencial. Finalmente, reflexiones y apuntes sobre el poder de las narrativas en la formación docente.

PALABRAS CLAVE: docente principiante; investigación narrativa; educación física; narrativas autobiográficas.

Narrativas de um docente iniciante

Anuncio, desde já, que esse texto está ancorado em uma perspectiva narrativa (Clandinin e Connelly, 2011) e continuarei seguindo assim, narrando em primeira pessoa, durante boa parte desse caminho. Dito isso, quem nunca se perguntou o que passa na cabeça de sua professora ou de seu professor? O que gostam de fazer? E se pudéssemos ler o que um professor passa, todos os dias, durante todo ano letivo?

Quem já passou pela educação básica, direito que infelizmente ainda não é de toda população, tem memórias de suas experiências na escola. Daquela professora que nos marcou, daquela piada que nos deixou profundamente tristes, daquela boa prova, da comida, do cheiro, dos barulhos, das férias, das coisas boas e ruins. Temos tatuado em nossas almas essa rotina. Mas afinal de contas, como é a rotina de um/a professor/a?

Professor/a realmente se estressa? Brincam? Se emocionam? Gostam das suas turmas? As coisas são sempre lindas? E os conteúdos? Como vão para a escola? E para quem é docente ou está em formação: o que acontece nas escolas que não nos é ensinado nas licenciaturas?

A vida docente é uma aventura e narrei a minha ao longo dos primeiros cinco anos de docência² em educação física (2015-2019) na educação pública nas cidades de Contagem e Belo Horizonte. Ao longo desses anos, escrevi³, escrevo e venho registrando em fotografias minha práxis docente para poder revisitar minhas experiências quando sinto que preciso me reconectar ou mesmo quando estou para baixo, desesperançoso com tudo, entristecido com a educação e com meu próprio trabalho, me lembro das “belezas deixadas nos cantos da vida”. Revisitar minha trajetória docente iniciante me renova e me permite refletir constantemente sobre o que tenho feito e sobre como o que tenho feito tem também incidido sobre mim.

Durante meu processo de inserção na carreira docente e em minha trajetória pessoal de militância no movimento negro, meu olhar passou a se deslocar para outras questões pontuais sobre os sentidos e significados da escola para os estudantes, sobre as relações raciais e o

²O período dos cinco primeiros anos de exercício profissional na docência é demarcado por algumas características comuns no ciclo de vida profissional, sendo considerado docência iniciante (Huberman, 1995)

³ Em 2019, escrevi um diário durante 173 dias letivos seguidos. Foi publicado como livro em 2021: “173 – Diário de um Docente”

racismo no cotidiano escolar e mantive comigo a perspectiva da escrita autobiográfica.

E é inspirado no pensamento afrodiaspórico que me recorro cotidianamente de olhar para o passado para não me perder e caminhar no presente, bem como na importância da circularidade e força coletiva; por isso também, assumo o compromisso de compartilhar minhas experiências. A ausência que tive em minha formação inicial me fortaleceu ainda mais na busca por uma educação antirracista e nos processos de formação docente para que futuras professoras e professores possam ter mais recursos do que eu, ou para que colegas em atuação possam ter mais recursos para sua práxis⁴.

A partir dessas reflexões, experiências e atravessamentos da autobiografia – buscando compreender e evidenciar “inéditos viáveis” (Freire, 2014, p. 130) para a educação das relações étnico-raciais na educação física escolar - venho fazendo esses registros enquanto jovem professor negro de educação física da educação pública. Na trama formada por essas teias de histórias, surgem indícios – distante de qualquer noção de práxis modelo – de como é possível repensar, constantemente, a prática docente na Educação Física pautada em uma educação para as relações étnico-raciais e, conseqüentemente, a escola. Mais do que buscar respostas e/ou propostas, é preciso que nos perguntemos mais.

O que já é possível de ser feito? Como é buscar essa práxis no chão da escola? Quais saberes construí durante minha trajetória? Quais são os dilemas e potencialidades vividos na experiência de um docente iniciante em educação física? Afinal, poderiam esses registros contribuir na formação de outras professoras e professores?

Pensando então na minha própria solidão enquanto docente iniciante e acreditando na potência formativa das narrativas autobiográficas, venho compartilhar um pouco de minha vida.

Docência iniciante em educação física

Apesar do intenso debate sobre a formação docente há pelo menos três décadas, pouca atenção tem sido dada aos professores iniciantes. Pesquisas como a de Santos (2009) que se dedicou ao estudo das histórias de vida e abandono da profissão docente ou como Gabardo e Hobold (2011) investigando o início da docência de professores do Ensino Fundamental, independente da área de formação, trazem importantes elementos para o campo. Contudo, partindo da análise de Gariglio *et al.* (2012), a docência possui singularidade. Existem culturas

⁴O conceito adotado em todo texto advém da perspectiva freireana de práxis pedagógica. (Freire, 2014)

docentes diferenciadas e mais diversificadas, considerando os planos do contexto social de trabalho, histórico e da ação individual de cada ator social.

Nesse caminho, Gariglio *et al.* (2012) tratam de emergir uma questão fundamental. Ao se tratar de culturas docentes diferenciadas é preciso pensar na especificidade da Educação Física enquanto componente curricular desvalorizado e, historicamente, carente de legitimidade social e, por muito tempo, utilizado como ferramenta de educação e controle dos corpos.

Os trabalhos de Michael Huberman e Maurice Tardiff têm sido marco teórico importante nas pesquisas com professores iniciantes, fato comum também para os autores que recentemente têm se debruçado sobre a especificidade dos desafios dos professores iniciantes em Educação Física, buscando compreender e interpretar os processos de inserção, socialização e continuidade dos mesmos (Aguiar *et al.*, 2005; Gariglio *et al.*, 2012; Ilha 2012) e nas pesquisas no campo da formação inicial a partir das histórias de vidas e narrativas autobiográficas (Miranda, 2012).

Porém, mesmo com esse ponto em comum, a pesquisa produzida no campo da Educação Física com professores iniciantes ainda é escassa. Esse déficit acadêmico se torna ainda mais visível ao tratar das produções científicas com narrativas autobiográficas, principalmente quando são produzidas pelos próprios professores iniciantes.

Afinal, o exercício narrativo se demarca também pelo lugar ocupado por seu sujeito narrador, estando imerso nos seus diferentes tempos e experiências. A narrativa nunca é uma experiência individual, mas a troca entre sujeitos; Walter Benjamin (1994) se refere a uma “faculdade de intercambiar experiências”. Assim, considerando a escola como um lugar de circulação de culturas e partilha de experiências, todos seus atores sociais são potenciais narradores singulares; nesse caminho a experiência da docência também se faz de forma singular para cada conteúdo e para cada humano.

O professor Daniel Suárez (2007) que possui um importante trabalho com a formação de professores e narrativas, também considera que as escolas estão repletas de histórias e seus sujeitos são potenciais contadores das mesmas. Seja pelo seu cotidiano e/ou pela cultura acadêmica distanciada da escola, comumente os professores da educação básica se tornam contribuintes dos pesquisadores, mas suas vozes se tornam apenas objetos de pesquisa. Os professores narram suas próprias histórias, porém, encontram tempo para uma investigação de si?

Pesquisa (auto)biográfica, educação física e formação docente

O campo da formação docente em educação física e a pesquisa narrativa tem notável crescimento como campo de pesquisa. Trabalhos como o de Gonçalves (2017) que investigou a formação e memória de professoras de educação física na educação infantil, Antunes, Bolsoni e Krug (2013) associaram a história de vida de duas professoras permeando suas carreiras docentes; Nunes e Godoi (2013) investigaram a história de vida e desenvolvimento da formação de um professor da rede pública; Almeida Júnior (2011) investigou por meio de narrativas visuais, orais e escritas quais são os saberes produzidos por professores/as de educação física. Em diferentes revistas e bases a produção sobre educação física escolar e pesquisa autobiográfica tem crescido, principalmente a partir das duas últimas décadas.

A produção teórica também chega de forma diversa no campo, principalmente para pensar formação. Almeida Junior (2011), destaca o registro de narrativas autobiográficas como uma importante estratégia de reflexão das práticas escolares, auxiliando na superação de um dos maiores dilemas vividos no processo de formação de professoras/es, qual seja, a dicotomia entre prática-teórica e prática-social.

No campo da educação para as relações étnico-raciais, por exemplo, a pesquisa autobiográfica também tem sido utilizada na formação docente em educação física. Autor (2019) utilizou inspiração no *ateliê biográfico* para investigar com estudantes negras quais foram suas experiências com a educação física e a educação para as relações étnico-raciais.

Além disso, destaca-se também a potência da pesquisa narrativa na investigação das relações produzidas nas interações entre indivíduo e sociedade, fundamentais para tal proposta de pesquisa ao tratar de sujeitos tão singulares para o campo da educação física. Delory-Momberger (2016) diz que a pesquisa biográfica se constitui como processo de individuação, construção de si, subjetivação e com as interações desses processos com o outro e com o mundo social. Ela carrega consigo marcas das épocas e dos ambientes em que vivemos. Assim, ela não opõe o indivíduo e o social como duas entidades distintas, mas concentra-se em manter os dois em relação de instituição recíproca.

Autores como Souza, Balassiano e Oliveira (2014) também trabalham com outras categorias, como as escritas de si. Essas escritas de si contribuem para superação de silenciamento e traumas vividos. Escritas que interrogam as condições e os efeitos da narrativa das situações de opressão assujeitadoras. As narrativas de resistência, ao se materializarem por

meio da escrita, permitem uma nova tomada de consciência para seus narradores e a elaboração de uma visão contra hegemônica de mundo. (Souza; Balassiano; Oliveira, 2014)

Por isso, as narrativas também se fazem tão importantes na perspectiva desse trabalho em vislumbrar novas possibilidades contra hegemônicas para a formação de professores/as de educação física escolar a partir da emergência dessas narrativas em docência iniciante. Dar valor a essa potencialidade das narrativas é ir ao encontro do tensionamento com a escola tradicional e contra o sistema científico moderno da racionalização que vem tolhendo nossa capacidade narrativa e, conseqüentemente, da consciência de si. Nesse processo, Benjamin (1994) tece um importante alerta de que “quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido” (Benjamin, 1994, p.205)

Reconhecendo essa conjuntura social e de uma necessidade de ressignificação da formação e atuação docente em educação física escolar; refletir sobre a prática docente é repensar a própria formação inicial. Permite pensar elementos como as recordações referências e formações experienciais, conceitos importantes formulados por Josso (2004) que ajudam a compreender a formação por meio das experiências de vida nesse período tão singular da docência iniciante, um *lugar* do qual pouco se fala e do qual muito se desiste.

Nesse sentido, baseio-me no paradigma indiciário de Ginzburg (1989), buscando trazer indícios de diferentes modos de ensinar e aprender práticas corporais nas aulas de Educação Física. Apresento um recorte⁵ por meio de trechos sobre essa construção constante da autobiografia narrativa que se dá no cotidiano escolar.

Mergulhar: Alguns recortes autobiográficos

Enquanto os leões não contarem sua história, prevalecerá a versão dos caçadores. (Provérbio Africano. Autoria Desconhecida)

16/08/2015

Estou iniciando meu diário de docência e espero que o Izaú que o esteja lendo num futuro próximo e também distante, seja uma pessoa mais experiente e mais consciente, com mais poder para melhorar esse mundo que hoje habito.

⁵ Desde 2015, escrevo narrativas e as publico em redes sociais. Além de um diário docente escrito desde 2012, não compartilhado publicamente. No ano letivo de 2019, escrevi durante 185 dias letivos seguidos e publicizei diariamente na plataforma Facebook, um registro do cotidiano docente em uma escola da rede pública de Belo Horizonte, em trabalho desenvolvido com turmas de terceiro ciclo.

Bom, deveria ter feito isso há mais tempo, especificamente quando iniciei formalmente minha carreira de professor. Infelizmente nem tudo se dá como queremos, nem sempre temos tempo, ânimo, ou quando temos, não temos as ferramentas necessárias. Essa escrita que se tem continuidade partiu a partir de uma reflexão sobre minha participação no show do Tony Tornado, durante o Festival de Arte Negra, aqui em BH. Comecei a imaginar como as crianças estarão se portando nas escolas, como a lei 10.639 estará impactando a cultura escolar e em como eu, enquanto professor de Educação Física estarei contribuindo para esse processo de afirmação e igualdade racial. Depois disso tudo pensei que deveria, finalmente, começar a escrever sobre minhas experiências novas experiências docentes na escola Heitor Villa Lobos, da rede municipal de Contagem, na qual estou como professor substituto por um mês.

Depois disso tudo pensei que deveria, finalmente, começar a escrever sobre minhas experiências docentes. Mal saí do banho e dei início a esse diário, ainda nem fui comer.[...]

26/08/2015

Com o passar das semanas consegui me organizar melhor e dei início com as turmas do sétimo ano à prática do Parkour, fiquei muito feliz com o retorno a partir da primeira aula na qual um grupo pequeno de meninos participaram. Na segunda aula, praticamente todas meninas participaram, o que me fez ter que reiniciar o processo de elementos básicos e logo garotos do nono ano, que frequentemente matavam aulas, vieram participar conosco.

Entendia os problemas de deixar que participassem, podendo reforçar a cultura de matar aulas, mas também fiquei feliz por demonstrarem interesse em participar. Entendia esse problema, mas não podia deixar de fazer jus ao meu discurso de questionar constantemente nas conversas informais sobre os motivos da escola, para além da prisão, ser o único lugar que precisava de grades para impedir que seus estudantes fugissem. Talvez um pouco radical, mas compreensível para um professor novato.

Sobre a prática também escutei indiretamente coisas de outros funcionários desabafando com o outro professor de Educação Física, Tiago, como: “Ele vai ensinar esses alunos a pular o muro da escola pra matar aula.”

E isso só alimentou meu desejo por trazer algo para esse grupo[...]

06/09/2016

Me preparei durante todo final de semana para nossa aula de Pokémon Go. Comprei cartinhas, desenhei os mapas, fiz as charadas para nossa caça ao tesouro e fui dormir no domingo ansioso para saber se seria bacana, se os estudantes gostariam, se teríamos boas

discussões. Sim, professor também sofre de ansiedade, assim como estudante antes de prova. Bom, pelo menos eu sofro[...]

Na segunda, tudo certo. Daqueles dias que você sai de seu trabalho com a sensação de dever cumprido, as aulas foram divertidas. Ao final da trilha para encontrar o pokémon os estudantes de cada turma encontravam pistas para a palavra que os levariam até um livro no qual estaria o Pikachu. Machado era a palavra da 333...quando os grupos descobriam...eram gritos e mais gritos...correria, "MACHADO DE ASSIS, CORRE!!!", exclamou uma das meninas e seu grupo disparou pelas escadas.

Depois de quase derrubarem a biblioteca, um dos grupos finalmente encontrou numa publicação em HQ do O Alienista o seu pokémon, comemoraram bastante a vitória parcial. Ao se acalmarem falei brevemente sobre o autor e apresentei o livro para todos. Hoje, terça-feira, em meu horário de tempo pedagógico pensei em ir pegar o livro para ler. Afinal de contas, tô com tempo pra ler e nem eu havia lido a história em quadrinhos ainda. Ao entrar na biblioteca uma enorme surpresa: dois estudantes estavam,naquele exato momento, assinando a ficha e levando os dois volumes que temos em nossa biblioteca.

Nunca fiquei tão feliz por não poder pegar num livro, sorri radiante, fui escolher outro, troquei uma ideia com o Isaias (o "rapaz da biblioteca") e desci para os computadores. Sexta continuam nossas aulas de Pokémon Go.[...]

03/05/2017

Nosso corpo educa...

Há duas semanas, cortei meu cabelo e com o corte veio também uma enxurrada de perguntas sobre o porquê havia feito "aquilo" e de afirmações de que não devia ter cortado[...].fui confundido com os adolescentes da escola[...]

Isso me incomodou, não pelo fato de ser comparado aos adolescentes que lá estão. Mas até que ponto minha corporeidade e estética, de alguma forma próxima da dos adolescentes não permita que eu ocupe e seja reconhecido na posição de professor? Poxa, estou ali todos os dias!

Repensando nesse processo resolvi então decidi de vez fazer algo que já queria fazer novamente: descolorir o cabelo. Queria muito esteticamente. Sempre quis na minha adolescência, mas o máximo que fiz foram luzes, sei lá se por uma tentativa de proteção involuntária da minha família ou reprodução de racismo, nunca me permitiram. Mas a partir desse momento na escola também passou a ser político. O cabelo descolorido em pessoas negras é cotidianamente visto como coisa de "bandido", distante da intelectualidade (e não só esse

estilo de cabelo né)

O resultado foram novas perguntas, elogios mais contidos, alguns olhares que a gente sente dizer pra gente: "por que fez isso meu filho?!"...alguns apelidos em tom jocoso que não vieram dos estudantes..."Zé Pequeno", "Acerola" e um "agora vai ser confundido com ADL mesmo"...

Sabia muito bem que essas coisas iriam acontecer, porque é estrutural. Nada de novo sob o sol e estou aí pra bater de frente mesmo, até porque tenho muitos privilégios pra essa luta. Porém, fiquei muito feliz com a receptividade dos garotos. Seja nas salas ou mesmo de longe pela janela de seus alojamentos os gritos ecoavam [...]

Tanto quando cortei, quanto nesse momento em que descolori tivemos muitos diálogos e percebi pelos olhares e diálogos que estávamos bem próximos. Hoje numa "palestra" junto do professor de português "Serrão" conversávamos sobre a importância da linguagem nas profissões e sobre como o corpo também era linguagem e nele se expressa poder. Demos alguns exemplos e falei sobre como era importante assumirmos esse poder para mudar as estruturas. Um dos exemplos foi da corporeidade do professor e perguntei aos garotos como eles achavam que as pessoas me viam nas ruas ou mesmo na faculdade...

Uns segundos de silêncio pairaram sobre a sala, já era quase final do último horário, trocas de olhares, até que um dos meninos falou: "bandido fêssor". Continuamos mais um pouco[...] E por que professor não pode ter esse perfil? E por que eles não podem ser vistos como futuros professores???

Talvez possam não ser professores mesmo, dentro da infinidade de profissões, mas nosso corpo educa e comunica possibilidades, isso é fato. Posso continuar a ser "chacota" pra alguns, pode ser feio pra muitos, mas enquanto puder de alguma forma ser uma mínima referência de outras possibilidades para meus estudantes, eu vou ser!

21/08/2017

Depois de explicada a proposta de trabalho, recebo a primeira pergunta: "professor, por que não tem mulheres e na fórmula 1?"

Fiquei feliz com a pergunta e respondi simplesmente que era uma ótima pergunta, o pontapé inicial havia sido dado. Pouco tempo depois esse grupo estaria indignado ao encontrar na internet uma entrevista com o diretor da fórmula 1 dizendo que mulher não sabe dirigir e sequer tem condições físicas[...]

Nos próximos dias outros grupos foram pesquisando várias coisas... desigualdade

salarial, exposição feminina, encantando-se com a Serena Williams, conhecendo Maria Lenk, erotização no futebol americano, algumas descobriram que existia o basquete feminino, conhecendo mais sobre as mulheres e nos games, discutindo sobre as diferenças entre mulheres trans, drag e gays...e aos poucos os cartazes foram sendo construídos...

Alguns grupos com mais afinco, outros nem tanto, alguns poucos ainda não fizeram, mas alguma coisa ficou[...]

26/09/2017

No semestre passado pedi ajuda nessa rede social para pensar em possibilidades de diálogo com o Keve nas aulas de educação física. Ele ainda não é alfabetizado na linguagem escrita e eu em LIBRAS. Por sorte sua instrutora de LIBRAS, Marina e a estagiária que o acompanha, a Rosi, me ajudam muito.

Nessa semana, estávamos realizando uma de nossas avaliações das aulas. Basicamente cada estudante escolhe duas fotografias e, a partir delas, conta uma história. Não sabia muito bem como seria feita a avaliação do Keve ou dos outros estudantes com alguma deficiência. Só sabia que seria feita. Rapidamente a Marina teve a ideia de fazer o registro da história dele por meio de outras fotos fazendo gestos em LIBRAS de como foram as aulas e recebi de volta uma avaliação linda que me encheu de alegria.

É nessas horas que a gente pensa sobre nossos limites. Ou paramos quando nos deparamos com ele, ou o percebemos como uma porta para uma infinidade de novas possibilidades.

20/04/2018

Hoje quase fui atropelado deliberadamente por estar me manifestando na rua. Meus ombros ainda estão tensos de tanta raiva...não sei se você que começou a ler irá até o fim desse texto e nem precisa, mas gosto de desabafar por meio da escrita.

[...]Enfim, hoje nós, professores de Contagem, estávamos numa assembleia para debater várias questões problemáticas do município (professores ameaçados, professoras assinando advertências por denúncias, excesso de papéis e burocracias, salário...e por aí vai)

[...]Fechamos a segunda faixa da rua e muitos carros passaram para as outras duas faixas laterais da João César. Ônibus, carros, motos...tudo tranquilo...

Até que um sem noção, em um gol vermelho, começou a acelerar a pouco mais de 50 metros de mim. Firmei meu corpo no chão e pensei: "ele vai desviar". Pelo contrário, ele acelerou mais. Firmei mais ainda o pé no chão e comecei a encará-lo, haviam outras duas faixas.

Por fim, o ódio tomou conta de mim. Tantos absurdos passados como professor dessa rede, vontade de desistir da carreira de professor em alguns momentos, tanta luta diária em sala, em casa e na rua...pra um cara mal compreensivo e raivoso não querer ir pras outras duas faixas?

Firmei meu pé...

Ele não desviou e a pouquíssimos metros - nem sei como -consegui me desviar e de quebra meti um bicudo (salve a benção da capoeira) na sua porta traseira. Nunca desferi um chute com tanta vontade. Não foi só pessoal, não foi só por minha causa...foi um desrespeito pra toda luta daquelas pessoas que estavam ali...por que só aquele dito cidadão (provavelmente se considera do bem) não podia passar pelas outras faixas?

Ele foi freando, vi a porta levemente amassada e pensei que começaria a treta[...] outros professores notaram e começaram a xingá-lo. Por fim, imagino que ele desistiu...colocou o dedo do meio pra fora da janela e acelerou...

[...]E cada vez mais eu entendo porque muitos professores me falavam nas épocas de estágio: Você é novo e inteligente, vai fazer outra coisa! Cada vez mais entendo porque muitos e muitas jovens não querem ser professores e professoras. Cada vez entendo mais que a luta é necessária!

"Ei bacana quem te fez tão bom assim? O que cê deu, o que cê faz, o que cê fez por mim?"

30/05/2018

Você fala palavrão?

Toda quarta-feira tento levar uma poesia para nossas aulas no nono ano. Quatro turmas em quatro horários. Nesse ano já levei letras de RAP e poesia marginal, uma das meninas recitou um poema sobre educação física e até mesmo uma história "bíblica" que recebi por whatsapp serviu de adaptação para contação de história...

"DEVAGAR ESCOLA!"

A ideia no início do ano era ler um livro ao longo do ano letivo, pensei em Conceição Evaristo, mas achei a linguagem poética mais viável. Não sou professor de literatura, mas a educação precisa ser estética[...]

Certo dia, durante o recreio, estávamos tomando café na sala dos professores e escutamos lá fora:

"-vai tomar no cu!"

"-vai você filho da puta!"

Não acreditamos e rimos. Deveríamos? Não sei, mas rimos de incredulidade. A cultura de violência e das microviolências cotidianas está tão presente na vida dos adolescentes, principalmente se pegarmos o contexto da escola pública. Está tão presente que o palavrão se banaliza e vira parte do vocabulário padrão. Em alguma das turmas, principalmente depois do recreio, demoro cerca de 10 a 15min para conseguir começar a aula. Então os estudantes começam a se xingar deliberadamente para que "calem a boca"...sempre falo que não é necessário xingar, mas pouco adianta. Mas voltando...

Após nossas risadas anotei no meu caderno aquelas frases e disse aos colegas que seria o tema da próxima poesia. Algumas professoras me ajudaram a lembrar de algumas "palavras-chave", fui me lembrando de outras e assim costurando uma tentativa de poesia. Não sabia se teria alguns problemas com os pais e responsáveis, mas peguei meu violão e lá fui eu na quarta seguinte sabendo que os celulares sempre estão armados...mesmo proibidos. Só vivendo pra saber...recitei meu poema. No início, recitando palavras...risadas e, aos poucos, foram ficando mais sérios: "por que, gente? É só essa a vida do adolescente? Ser tratado com violência? Falar palavrão, é só essa a experiência?! Quando o argumento falta, o palavrão é a palavra que salta. Se for assim...eu, prefiro a bagunça do que perder a paciência. Um salve pra adolescência!"

Curiosamente, não tenho escutado mais nenhum palavrão quando chego no "9ºB"...nem mesmo depois do recreio. Tive que elogiar. E você, fala palavrão?

31/07/2018

Hoje, oficialmente me torno professor da rede municipal de Belo Horizonte e não me esqueço da frase do meu colega de profissão na Educação Física "Andrezão": "ser professor pra mim é uma ascensão social".

Felizmente minha mãe me ensinou o valor do trabalho e da luta desde cedo. Já fui feirante, vendedor de bala na época de escola, vendedor ambulante, já frite muito pastel em lanchonete, roadie de banda, trabalhei em obra, fui DJ, entregador de revista, fiz vários estágios, sempre encarei qualquer trabalho e assim cheguei até aqui.

Nunca tive muita grana pra fazer coisas que queria. Minha mãe, principalmente, me ajudava como podia e minha família também. Por isso, não posso reclamar porque muita gente não teve e não tem metade do apoio que tive. [...]

Em 2015 fiz a prova para professor municipal de BH e comecei a dar aula como contratado em Contagem. Já fiquei desempregado e sem receber (coisa que muitos professores infelizmente passam). Mas carrego comigo a convicção de trabalho para que os meus e as

minhas semelhantes possam ter oportunidades melhores que as minhas ou melhores do que poderiam. O ensino público é um projeto de vida! Não é qualquer escolha.

E fico num misto de desânimo com os descasos na educação, as vezes penso em desistir. Cada vez menos colegas querem ser professores e professoras, cada vez mais tenho medo de adoecer a longo prazo, mas amo o que faço. ENTRE O SUCESSO E A LAMA. [...]

Tô emocionado pra caralho, feliz e ao mesmo tempo desanimado. Dia dos pais tá chegando, e embora eu não seja uma pessoa de muitas crenças, fico pensando que esse seria meu presente para meu pai e que ele ficaria feliz com minhas conquistas. [...]

08/03/2019

Acho que das coisas mais belas que vi hoje foram cinco meninos com corações de papelão escritos abraços grátis. No máximo nove anos. Estavam abraçando as professoras: "Gente, essa aqui está carente!". E foram lá dar o abraço.

Chegou uma aluna mais velha que não havia ido à aula, também abraçaram. Sai da sala dos professores para ver, porque estava uma cena muito bonita e também ganhei os abraços. Ganhei abraços e o dia.

[...]Nesse turbilhão, preciso ainda contar de uma conversa sobre masculinidade tóxica. Miguel, do nono ano, com tendências ao conservadorismo estava criticando o termo feminismo e dizendo que um dia as mulheres iriam tomar o poder e precisaríamos do dia do homem.

Conversamos então sobre a perspectiva dos movimentos por direitos iguais, sobre o sufixo ismo, sobre masculinidade tóxica (ele é um garoto branco também afetado por esses padrões). Adoro aula em que corrijo diários para poder conversar com eles. Educação física me dá esse privilégio da proximidade. [...]

Voltando ao Miguel...

Depois ele foi jogar queimada com as meninas e disse que iria escrever em seu diário sobre a maior participação das meninas nas aulas de educação física atualmente. Uma outra pequena grande vitória. Miguel parou de jogar porque machucou o dedo. O encaminhei para o gelo. Terceiro acidente em duas semanas. Diferente dos movimentos sociais que geralmente batem de frente, como professor, preciso dialogar e prezar pela didática sempre, mesmo com ele com seus ares de conservadorismo. Bater de frente de forma inconsequente só gera mais repulsa. Ainda que nem sempre seja possível ter essa paciência e disciplina.

Talvez uma conversa possa sensibilizá-lo, talvez não. Mas o talvez é um dos ofícios do professor. Dar aula é quase um jogo. Uma arte. Nosso ofício é ser um artesão do cotidiano, da história e das mudanças. Dar aula é um talvez.

22/04/2019

[...]No último horário subimos para a sala de vídeo. Educação Física.

"Hoje não vamos pra quadra não fessor?"

"Não!"[...]

Coloquei um trecho de JESUS CHOROU. Alguns cantaram efusivamente. Quando pausei, reclamaram. Fui explicar o contexto da letra naquela aula.

"Ah fessor, todo mundo conhece Racionais" Disse um garoto, vou chamá-lo de Djonga.

Pedi para que levantassem a mão aqueles que não conhecessem a música. Pelo menos dez estudantes. Prossegui depois de algumas interrupções e desligar o ventilador que competia forte com minha voz. Pedi para que pegassem um caderno. A proposta era de escrevermos sobre a última vez que quisemos chorar e não choramos. Tentei puxar uma conversa sobre a socialização masculina e a necessidade de ser forte.

Mostrei também um trecho de uma contação de história do Menino Nito. [...] Aliás, a proposta foi oriunda da reunião do núcleo de estudos e pesquisa em educação étnico-racial do qual faço parte. Me desafiei a adaptar a atividade para o terceiro ciclo. Enfim...

Djonga disse levemente revoltado: "Eu não converso com ninguém, por que vou conversar aqui?! Vou contar pro senhor?![...]"

Prossegui. Antes de preparar a atividade eu também me preparei para isso. Estou lendo ensinando a transgredir da bell hooks[...] ela diz justamente sobre nossas cobranças aos estudantes sem nenhuma recíproca quando a sala deveria ser uma comunidade. Então, havia escrito meu próprio relato de uma vez que quis chorar e não chorei. Li para toda sala de forma bem tranquila para não me emocionar. E só então pedi para que escrevessem em seus diários de educação física[...]

Alguns meninos e meninas vieram mostrar para mim seus textos: "Só o senhor vai ver né?!"

Dilemas diferentes. Alguns choraram enquanto escreviam. Alguns engoliram o choro quando vieram me mostrar e conversar comigo. Tudo em cerca de 15 minutos. Nesse tempo, fui colocando músicas de RAP que a turma escolhia[...] Fim de aula e eu refletindo sobre quando paramos para refletir sobre nossas vidas na escola. Vejo Djonga ainda sentado num

canto. Guarda alta, rosto fechado...mas a represa de lágrimas pronta para romper.

Vou até ele e começamos a conversar. Ele cai no choro falando sobre seus dilemas. Um choro copioso. A única pessoa que o ouvia já não estava mais aqui. Conversamos sobre as formas de tratar as outras pessoas. Sobre nossas revoltas...Djonga é um garoto levado. Peço para levantar e lhe dou um forte abraço. Mando a real para não dar falsas promessas...não tenho o tempo disponível para conversar sempre, mas estarei disponível quando tiver...

Tento motivá-lo dizendo para dar orgulho para essa pessoa...aonde quer que ela esteja.

Dessa vez, diferente de inúmeras outras passagens pela escola...consegui separar bem meus sentimentos e responsabilidades. Tenho limites para poder ajudar.Mas também precisei segurar meu choro, várias vezes durante a aula. Terapia devia ser um trem mais popular. Todos e todas precisamos em algum momento. Penso que conversar e ouvir são necessidades humanas, se expressar...assim como comer e dormir.

Mas, dentro das limitações, vamos seguindo. Quem sabe depois eu não proponha que cada um desabafe com outros colegas sobre o que escreveram[...]

“Não vai pra culpa irmão, Jesus Chorou.”

29/05/2019

[...]E mesmo sabendo que faço meu melhor e a maioria deles e delas também...me sinto despreparado. Vontade de mudar, de desistir da luta...porque na verdade é isso...não se trata de conteúdos bancários, mas de uma luta cotidiana por manter vivos pequenos sonhos frustrados ou a luta par criar algum sonho em meio a tanta desilusão, em meio a tanta gente desacreditando do futuro desses garotos e garotas.

Fico com raiva. Me revolto porque a maioria ali não tem consciência do que o mundo tem preparado para eles e da guerra travada simplesmente pra sobreviver. Um turbilhão de sentimentos que não sei nem escrever. Professor devia ter um vale terapia no salário. Os estudantes da escola pública também mereciam, cada história.

No terceiro horário começo a fechar as notas da disciplina. Não sei o que fazer com dois estudantes com deficiência para incluí-los mais[...]. Não sei o que fazer, os monitores de inclusão não sabem e até hoje nem consegui ir na sala de atendimento educacional especializado para ter uma conversa. Me sinto despreparado.

Enquanto fecho as notas faço uma inversão no meu diário. Recuperações com notas azuis e aprovados com notas vermelhas. Fiz isso pra tentar ficar mais feliz, nem sei o porquê. Me lembro que a blue note é a nota que caracteriza o blues e sua tristeza. Penso na escola como

uma música de blues...triste, solitária, cheia de notas, de histórias, de sonhos e orações...lembro de bluesman, do Baco

No último horário educação física...lanço notas e nem quero mais escrever sobre o que aconteceu. E é assim que a escala do blues é feita, não são 7 notas que entram no ciclo... uma pentatônica e uma nota fora. [...] mas apesar de toda essa tristeza que me bate, a educação é talvez nossa maior arma e chave: "sou o primeiro ritmo a formar pretos ricos...o primeiro ritmo que tornou pretos livres" é isso: a escola é blues!

25/06/2019

No teatro, merda é um tradicional desejo de boa sorte. [...] muita merda era sinal de muito público...

Hoje desci do ônibus pisando em merda. Até escorreguei um pouco. Pularei a parte de como fiz para limpar o pé. Mas ainda brinquei com meu colega que era sinal de sorte.

Na primeira aula tudo correu bem. Descemos direto para o ginásio, treinamos alguns fundamentos do voleibol e fomos para o jogo. Recebi um trabalho de HIP-HOP de Sherlock, um bom estudante que detesta participar das partes de movimento. Combinamos que ele faria uma pesquisa sobre a relação de cultura nerd e HIP-HOP. Ele se esforçou com suas melhores palavras para me agradecer pela oportunidade e me entregou o caderno. Três horários depois fui ler seu trabalho, fiz um desenho e fui devolvê-lo em sala...

Já na aula seguinte de vôlei, com sétimo ano, foi difícil...

Treinamos fundamentos mais básicos e fomos para o jogo. Valia segurar a primeira bola. Times com sete jogadores. 4 meninos e 3 meninas. Nenhuma das meninas sequer tocou na bola, com exceção de uma que foi para o saque uma única vez e ainda acabou errando...muita pressão. Saque no vôlei é muita pressão. Deixei o jogo acabar e, faltando quinze minutos, parei a aula. Chamei toda turma para uma roda e fomos conversar sobre o ocorrido.

“As meninas são ruins.”

O que é ruim? Por que são ruins?

Cada um foi se pronunciando e tentamos encontrar soluções. Uma das garotas fez um relato de sua experiência e sobre como as pessoas que tem mais habilidade em algum jogo poderiam ajudar as outras. Perguntei para as outras meninas quem se sentia assim também e todas levantaram as mãos. Foi um momento produtivo. Espero conseguir melhorar nas próximas aulas. Talvez não faça o jogo misto.

[...] Saio alguns minutos mais cedo para tentar pegar o ônibus. Subo a escada correndo e começo a abrir o portão...novamente o motorista está de frente para o portão da escola...me vê dando sinal...e segue seu caminho sem parar. Desta vez, não quis correr atrás. Volto pra dentro depois de conversar com uma ex-estudante que veio nos visitar. O próximo ainda iria demorar 25 minutos.

Por azar, ou sorte, já estava no ponto de ônibus e vejo alguns garotos me chamando com cara de susto. Me deparo com uma briga. Cinco garotos batendo em um...alguns não eram da escola...muitos socos e golpes no rosto. Ele estava na parede e já começava a cair. Quando cheguei para separar outros me ajudaram.

Motivo da briga: um ter supostamente mexido com a namorada do outro. A masculinidade tóxica tá aí. O problema não pode ser resolvido de outra forma a não ser provar quem é o mais forte. Problema fora do muro da escola, mas que vai refletir na aula de amanhã e tudo isso interfere nosso planejamento. Problema fora do muro da escola, mais precisamente no muro da escola.

Por sorte de ter perdido o ônibus ajudei a evitar uma agressão muito pior. Pro meu azar fui embora super estressado. Detesto violência. Por sorte ainda não perdi minha humanidade que não me permite fechar os olhos para algumas situações. Pro meu azar, ainda preciso lavar o tênis.

Emergir: respirando

Todo mergulho carece de uma volta à superfície. Respiremos então.

Chegamos até aqui compartilhando experiências de escrita e leitura. Uma conversa que produzirá diferentes sentidos a cada leitura, minha ou sua. Como havia dito enquanto dialogava com Ginzburg (1989), a pretensão desse texto foi de trazer indícios. Gosto de sua analogia ao dizer que o caçador, com sua capacidade de ler nas pistas mudas deixadas pela presa, traçava uma série coerente de eventos, sendo o primeiro a narrar uma história.

A perspectiva autobiográfica me permitiria descobrir o que me faz sentir, juntar pistas e traçar reflexões sobre a educação física escolar e esse lugar tão solitário da docência iniciante. Ser, eu, caçador de mim. Também gosto da ideia de movimento em quatro direções observadas por Clandinin e Conelly (2011) para refletir sobre as narrativas: tanto para frente (prospectivamente) – projetando possibilidades – , como para trás (retrospectivamente) – retomando diálogos teóricos em diferentes dimensões temporais em relação ao tempo histórico

das narrativas – e também para dentro (introspectivamente) e para fora (extrospectivamente).

Deixo aqui o espaço aberto para a possibilidade de uma multiplicidade de movimentos e interpretações baseadas também nos dilemas pessoais e identidade de cada pessoa que lê, e na sua relação com o contexto em pauta. Minayo (2014) ressalta que a interpretação vai além de quem escreve, pois quem tem autoria não tinha consciência, no dado momento, de tudo que permite ser lido em seus discursos. Assim, o texto não se encerra – ou se propõe – em um exercício interpretativo do recorte apresentado.

Todo mergulho carece de uma volta à superfície. As águas nas quais mergulhamos, já não são mais as mesmas quando saímos. Da mesma forma, as narrativas, imersas em diferentes tempos e experiências de quem narra. Elas se tornam um registro histórico que revela traços de identidade docente e de seus elementos intrínsecos como a concepção educacional, as esperanças e dilemas profissionais; bem como, dá indícios de fatores extrínsecos que se correlacionam diretamente com o contexto social no qual é escrito e, partindo das várias interpretações que podem ser produzidas, possibilita novos diálogos.

Busquei trazer alguns recortes que expõe feridas, dores, sabores e belezas vividas no cotidiano docente. Das questões trabalhistas às questões humanas, do planejamento às aulas de fato, das questões docentes gerais às específicas da educação física, das pequenas vitórias e adoecimentos.

Reitero que, dentre as muitas possibilidades de registro, o movimento da escrita autobiográfica é uma potente estratégia de identificação e reflexão sobre elementos cotidianos da escola e, nesse sentido, para conhecer alguns desafios de docentes iniciantes em Educação Física, da sua relação com a especificidade da área e, a partir dessa emersão, levantar elementos concretos para refletir sobre a minha própria formação, bem como refletir sobre a formação continuada de docentes iniciantes no contexto do campo curricular em questão.

Afinal, são desafios e vivências particulares, mas semelhantes a muitas outras pois fazem parte de um mesmo contexto. Chamo aqui para essa conversa Ferreira (2006) ao dizer que as experiências sociais não são meras amostras da vida social global, a compreensão de narrativas singulares pode nos dar melhor noção da complexidade da vida coletiva; rompendo com a dicotomia sociológica de macro e micro e trazendo à tona a noção de que “o homem no mundo é a sua dimensão de vida biossocial possível” (FERREIRA, 2006, p.29)

Pensando ainda com Ferreira (2006) compreendo que narrar nossas experiências vividas nas escolas pode nos permitir uma melhor compreensão social das práxis docentes e das escolas,

pois são esses mesmos testemunhos profissionais que compõe o movimento de vida de sujeitos que estão na “raiz da estabilidade e das transformações na ordem social” (Ferreira, 2006, p.31).

Essa teia de reflexões se refaz cotidianamente e orienta a minha práxis. A práxis, por sua vez, é matéria-prima para minha narrativa pedagógica (Suárez, 2007). Da narrativa busco compartilhar experiências (Benjamin, 1994) sobre práticas em educação física escolar que desvelam indícios para repensar a formação e atuação docente. Assim, com ancoragem na pesquisa narrativa, busco romper com o “espaço limitado criado pelos enredos das pesquisas formalista e reducionista no meio das quais aprendemos a viver” (Clandinin; Connelly, 2011, p.212). Que a caçada possa continuar e os caminhos sigam abertos. Okê arô!

Referências

AGUIAR, Camila Silva de Aguiar; ROTELLI, Paula Pereira; PETRONI, Renata Gomes Gerais. **PRINCIPAIS DIFICULDADES DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA NOS PRIMEIROS ANOS DE DOCÊNCIA: elementos para (re) orientação das disciplinas de Didática e Prática de Ensino do curso de licenciatura em Educação Física da UFU.** Motrivivência Ano XVII, Nº 25, P. 37-55 Dez./2005

ALMEIDA JUNIOR, Admir Soares de. **Foto e Grafias: narrativas e saberes de professores/as de Educação Física.** Tese apresentada ao Doutorado em Educação da Universidade Estadual de Campinas, 2011.

ANTUNES, Fabiana Ritter; BOLSONI, Julia; KRUG, Hugo Norberto. **Histórias de vida de professoras de educação física: reflexões sobre as trajetórias formativas.** Revista Contemporânea de Educação, v. 8, n. 16, p. 398-418, 2013.

AUTOR. **"Negro drama: narrativas estudantis negras, educação física escolar e educação étnico-racial."** (2019). Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Educação. Belo Horizonte. 2019

BENJAMIN, Walter. **O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov.** In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

CLANDININ, D. Jean. CONELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa.** Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011

DELORY-MOMBERGER, C. **A pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular.** Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica, Salvador, v. 01, n. 01, p. 133-147, jan./abr. 2016

FERREIRA, Adir Luiz. **Sociobiografia e experiência escolar: uma narrativa entre imagens em conflito.** In: FERREIRA, Adir Luiz. Entre flores e muros: Narrativas e vivências escolares. Porto Alegre: Editora Sulina, 2006. p. 19-52.L

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** São Paulo: Paz e Terra, 50 ed., 2014.

GABARDO, Cláudia Valéria; HOBOLD, Márcia de Souza. **Início da docência: investigando professores do ensino fundamental 1**. Revista Brasileira de Formação Docente, Belo Horizonte, v. 03, n. 05, p. 85-97, ago./dez. 2011.

GARIGLIO, José Ângelo; ROCHA, Bárbara Guimarães; REIS, Carolina Guimarães; et al. **PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA E A ENTRADA NA PROFISSÃO DOCENTE: uma iniciação a docência singular?**In: Anais do III Congresso Internacional sobre Professorado e inserción Profesional a la Docencia, Santiago, 2012.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GONÇALVES, Daienne et al. **Memória, formação e docência: histórias de professoras da educação física da educação infantil**. 2017. Dissertação (Mestrado), Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2017

HUBERMAN, M. O Ciclo de vida profissional dos professores. In: A. Nóvoa. **Vidas de professores**. Portugal: Porto, 1995.

ILHA, Franciele Roos da Silva. **O PROFESSOR INICIANTE E A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: DESAFIOS QUE SE SOMAM**. In: Anais do IX Seminário ANPED SUL, Caxias do Sul, 2012.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e Formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 2014

MIRANDA, Dayane Graciele de Jesus. **Experiências da formação inicial em Educação Física: Narrativas de Imagens**. 2012. 132 f. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Educação Física da UFES. Vitória, 2012.

NUNES, Rozicleiton Magalhães; GODOI, Marcos Roberto. **História de vida, formação e desenvolvimento profissional de um professor de educação física das redes públicas de educação**. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, v. 12, n. 1, 2013.

SANTOS, Geisa Arlete do Carmo. **Histórias de vida e o abandono da profissão docente: entre partidas e chegadas**. 2009. 141 f. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da UNEB. Bahia, 2009.

SOUZA, Elizeu Clementino de; BALASSIANO, Ana Luiza Grillo; OLIVEIRA, Anne-Marie Milon. Imagens e narrativas sobre (auto)biografias, resistência e empoderamento: diálogos iniciais. In: **Escrita de si, resistência e empoderamento**. Curitiba: CRV, 2014. (Coleção Modos de Viver, narrar e guardar, v. 6)

SUÁREZ, D. **Documentación Narrativa e Experiencias y Viajes Pedagógicos. Fascículo 2. Qué es la Documentación Narrativa de Experiencias Pedagógicas?** Ministerio de Educación, Ciencia y Tecnología. Laboratorio de Políticas Públicas. Buenos Aires, 2007.

*Recebido em: 02 out. 2024.
Aprovado em: 27 out. 2024.*

*Revisor(a) de língua portuguesa: a autora
Revisor(a) de língua inglesa: a autora
Revisor(a) de língua espanhola: a autora*